



A circulação de crianças na cidade de Alegre (ES): apropriação e significação do espaço público

Joelma Andreão de Cerqueira

Instituto Federal do Espírito Santo, Coordenadoria de Licenciatura em Ciências Biológicas, Alegre, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9636-9061>

Levindo Diniz Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-5720-9268>

Introdução

A relação entre criança e cidade é um dos temas mais relevantes nos estudos sociais da infância contemporâneos, o que se confirma por meio do crescimento de pesquisas, publicações e eventos científicos da área nas últimas décadas¹. O aumento do interesse nessa discussão se justifica tanto pelo fato da maioria da população mundial viver nas cidades quanto pelo fato das cidades sintetizarem grande parte dos problemas e tensões da sociedade contemporânea (SARMENTO, 2019). Questões como a desigualdade socioespacial, a violência e a gentrificação se efetivam na cidade, que é também o espaço para as lutas pelo direito à mobilidade, direito à moradia, direito à participação, dentre outros, que do mesmo modo incidem sobre a vida das crianças.

Nessa perspectiva, este trabalho tem origem na pesquisa de doutorado (CERQUEIRA, 2024)², que visou analisar a circulação das crianças em Alegre, uma cidade pequena do estado do Espírito Santo (ES), na qual foi realizado o acompanhamento de um grupo de crianças em seus momentos de deslocamentos cotidianos na cidade³. Propõe-se analisar aqui os aspectos referentes às motivações que levam as crianças de 1 a 11 anos a circular pela cidade, os limites e possibilidades que condicionam essa circulação, bem como suas formas de significação e apropriação dos espaços públicos por meio das práticas de brincadeira.

Pretende-se, ao compreender as infâncias e suas experiências urbanas, cotejar elementos dos estudos urbanos e dos estudos da infância, em especial, refletir sobre a circulação e apropriação dos espaços públicos pelas crianças.

A circulação de crianças em uma cidade pequena

No debate acadêmico, a definição de um determinado evento social envolve diversas questões e caminhos, classificar e definir uma cidade como pequena também passa por isso. O próprio campo da geografia não apresenta uma definição hermética acerca do conceito de cidade pequena, com variações entre países, do ponto de vista político e de concepções.

Neste trabalho, Alegre é retratada como uma cidade pequena por meio dos critérios populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que no caso são as que possuem até 100.000 habitantes (IBGE, 2000), e pelas particularidades apresentadas na produção acadêmica endereçada às cidades pequenas (ENDLICH, 2011; GATTI, ZANDONADE, 2017; SOARES; MELO, 2010), como, a existência de aspectos da vida rural;

1 Exemplo disso tem sido a publicação de dossiês temáticos (ARAÚJO; AQUINO, 2018; ARAÚJO; MOREIRA; FERNANDES, 2019; CARVALHO; SEIXAS; SEIXAS, 2023; FERNANDES; LOPES, 2018; GOBBI; ANJOS, 2020; MÜLLER; NUNES, 2014).

2 **O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.**

3 A pesquisa que deu origem a esse trabalho faz parte da Rede Unesco UniTwin: A Cidade que Educa e Transforma. A rede é parte de uma Programa de Cooperação Internacional da Rede Internacional Cidade que Educa e Transforma (RICET), liderada pelo Instituto Superior de Educação e Ciências Lisboa (ISEC-Lisboa) e conta com a participação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mais 14 instituições de ensino superior, do Brasil, Portugal e da Guiné-Bissau.

a presença marcante de idosos e crianças nos espaços públicos; os deslocamentos a pé e de bicicleta como parte importante das ações cotidianas; o uso compartilhado das ruas, calçadas e praças, dentre outros⁴.

A cidade de Alegre (ES) está localizada na Região do Caparaó capixaba, próxima da divisa de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, na região sudeste do Brasil. Com uma população estimada em torno de 30.000 habitantes, conta com cerca de 70% de residentes na área urbana e 30% na área rural do município. Segundo os dados do IBGE (2012), a população estimada de 0 a 14 anos de idade corresponde a aproximadamente 18,7% da população da cidade.

A partir da década de 1960 surgiram em Alegre alguns bairros periféricos. Tal fenômeno se deu em sincronia com as transformações das cidades brasileiras na segunda metade do século XX, que dentre outros fatores contou com o crescimento da população urbana, fruto principalmente do êxodo rural, devido às condições sociais e econômicas da população do campo. Esses bairros se localizam próximo ao centro da cidade, em áreas de ocupação irregular, e apresentam precário acesso a equipamentos de saúde e educação, a áreas de lazer, a saneamento básico, entre outros.

As crianças, moradoras destes bairros, necessitam se deslocar para acessar suas creches e escolas e para serem atendidas em equipamentos públicos da saúde e da Assistência Social, que se localizam na região central da cidade. Essa oferta de serviços concentrada em uma região da cidade e distante dos bairros periféricos promove uma frequente circulação das crianças, seja acompanhada por adultos, sozinhas ou entre pares, trajeto feito majoritariamente a pé. Busca-se neste trabalho analisar as dinâmicas desses deslocamentos cotidianos em diferentes espaços da cidade.

Diante do que se propõe, é importante destacar que os termos circulação, mobilidade e deslocamento são frequentemente utilizados na produção acadêmica e podem designar fenômenos distintos. Os trabalhos de Camacho (2022) e Colares (2019) lançam mão do conceito de deslocamento ao tratarem de experiências de crianças em situação de migração. Já os trabalhos de Arévalo e Grande (2021), Müller (2018) e Murray; Cortés-Morales (2019) utilizam o conceito de mobilidade para analisar os diferentes modais utilizados pelas crianças em sua circulação pela cidade e suas experiências de mobilidade independente⁵. Em outra perspectiva, os trabalhos de Bizzoto (2022), Lansky (2012) e Silva (2011) optam pela ideia de circulação, por tratarem do fenômeno das crianças que circulam a pé em seus territórios. Haja vista a escala de Alegre e por perceber o fenômeno dos deslocamentos a pé pelas crianças desta cidade, optamos aqui pela ideia de circulação, compreendendo ser esta mais pertinente no contexto de uma cidade pequena.

4 Popularmente chamada de cidade-jardim, por conta das inúmeras praças espalhadas pelo centro da cidade, ela é considerada uma cidade universitária por abrigar um campus da Universidade Federal do Espírito Santo, um Instituto Federal de Educação Superior e uma faculdade privada.

5 Entendida como a capacidade da criança para explorar e interagir com o espaço urbano a partir de oportunidades, experiências e do desenvolvimento da sua autonomia para se movimentar.

Circulando com as crianças

O estudo contou com a participação de 29 crianças, 13 meninos e 16 meninas, moradoras de diferentes bairros e pertencentes a classes sociais distintas⁶. Entretanto, foi realizado um acompanhamento sistemático com 8 crianças que circulavam de forma autônoma na cidade, moradoras do bairro Querosene, localizado em um morro próximo ao centro da cidade. Essas crianças são negras⁷, tinham entre 1 e 11 anos de idade e frequentavam escolas públicas.

A metodologia, de abordagem qualitativa e orientação etnográfica, contou com métodos participativos e visuais, com uso de técnicas e instrumentos de modo combinado, tendo como foco os espaços e experiências cotidianas das crianças na cidade.

O trabalho de campo, realizado durante um ano, se efetivou em quatro momentos: (i) identificação dos espaços públicos que contavam com a presença das crianças; (ii) realização de contatos iniciais com as crianças e suas famílias para apresentação da pesquisa, convite para participação e assinatura dos termos de consentimento e assentimento; (iii) acompanhamento das crianças em seus momentos de circulação cotidiana na cidade (nos espaços públicos, no lazer, nos eventos, nas festas e no trajeto para escola); e (iv) realização de oficinas de escuta, em que foram utilizadas diferentes técnicas: apreciação de fotografias e diálogo com as crianças sobre a percepção das imagens da cidade, produção de desenhos acerca dos desejos delas em relação a mudanças na cidade, contação de história e produção de representações tridimensionais dos espaços da cidade significativos para elas.

Os espaços investigados foram definidos conjuntamente com as crianças no decorrer do trabalho, foram elas que guiaram e apresentaram a cidade. Buscou-se lançar mão de uma etnografia em movimento (MÜLLER; SOUSA, 2023) e de uma observação flutuante (PÉTONNET, 2008) como princípios que puderam favorecer a captura dos movimentos das crianças. Considerando que o foco da investigação foi a circulação das crianças na cidade, a etnografia em movimento proporcionou o dinamismo requerido enquanto possibilidade de perceber o que motivava as crianças durante o percurso, o que envolvia os seus pensamentos e sentimentos. Esses princípios não contribuíram apenas para acompanhar as crianças durante sua circulação, mas também na análise do que emergiu no ato de circular. Movimentar-se não é só no sentido motor, mas de se posicionar de forma a facilitar o acesso às informações e às experiências que emergem ao longo do percurso, tanto no que se refere ao trajeto geográfico quanto à própria pesquisa. Nesse ponto, a observação flutuante foi de grande valia ao permitir descrever não só os trajetos, paradas e interações, mas também as percepções e sentimentos das crianças em relação à cidade durante sua circulação.

Tendo como inspiração o trabalho de Christensen et al. (2014), os registros realizados pelas crianças se deram por meio de fotos de um aplicativo de celular que faz o monitoramento em tempo real de atividades físicas, fornecendo informações estatísticas do

6 A realização da pesquisa foi registrada no comitê de ética da Universidade Federal de Minas Gerais, COEP/UFMG nº 50133121.3.0000.5149, com parecer aprovado nº 5.040.634.

7 Considerando que a metodologia prevista não pressupunha a realização de entrevistas e aplicação de questionários com as crianças, essas informações foram coletadas ao longo da etnografia, sendo necessário, portanto, lançar mão da heteroidentificação.

desempenho do usuário, gravações de áudios, de vídeos gravados com celular e com a câmera de ação (popularmente conhecida como GoPro).⁸

Ademais, compreendeu-se que, para além da ideia de movimento ordenado, circular com crianças é experienciar a cidade aguçando todos os sentidos do corpo. Conforme afirmam Müller e Sousa (2023):

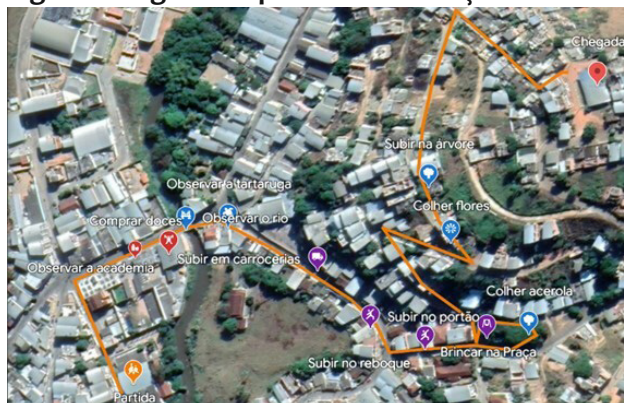
Podemos e devemos assumir a potência de uma experiência cognitiva e sensorial radical a partir de uma etnografia dinâmica, que se desloca, pensa, sente, percebe junto com os seus sujeitos de pesquisa, e toma como interesse aquilo que lhes motiva ao longo do trajeto (MÜLLER; SOUSA, 2023, p. 02).

O percurso em que mais se acompanhou as crianças foi entre a casa e a escola. O trajeto tinha em torno de 1km de extensão, mas o tempo que as crianças utilizavam era diferenciado na ida e na volta. O trajeto casa-escola girava em torno de 30 minutos, com poucos pontos de parada, possivelmente por uma preocupação com o horário do fechamento do portão da escola. Mesmo com esse certo controle do tempo, havia muita interação entre elas, conversavam sobre questões que atravessavam suas rotinas. Já o trajeto escola-casa tinha uma duração maior, possivelmente devido a uma menor preocupação com o horário de chegar em casa, especialmente porque grande parte de seus cuidadores estavam trabalhando, não havendo quem controlasse o tempo.

Essa diferença de tempo nos deslocamentos se assemelha ao que foi observado no estudo de Souza (2017), que ao acompanhar a entrada e saída das crianças na escola, percebeu um tempo menor no trajeto casa-escola em relação ao trajeto escola-casa. Já o estudo de Godoy (2022), realizado em uma metrópole, apontou que apesar da maior parte das crianças pesquisadas realizarem o trajeto casa-escola a pé, os momentos de “paradas” para observação ou para realização de brincadeiras eram escassos, confirmando o que Lima (1989) já apontava na década de 1980, que a rua tinha apenas a função de circulação.

A figura a seguir (Figura 1) apresenta um percurso do retorno da escola com destaque para os locais de parada e interações realizadas pelas crianças em um dos dias de acompanhamento nesse trajeto:

Figura 1: Registro espacial das interações das crianças no trajeto escola-casa



Fonte: Google Earth, com elaboração da própria autora.

8 Todos os equipamentos eletrônicos utilizados pelas crianças foram disponibilizados pela pesquisadora.

Assim, é possível observar as inúmeras paradas durante o percurso. Durante o trajeto, elas interagem entre si, com os adultos e com o que compunha a cena urbana, por meio de brincadeiras e comentários sobre o que observavam. As experiências das crianças demonstram que o ato de circular na cidade requer muito mais que a habilidade motora, ele envolve conhecer trajetos, características arquitetônicas e da própria organização da cidade, a oferta de serviços e consumo, bem como estabelecer relações intrageracionais e a possibilidade de descobertas e aprendizagens.

Durante a pesquisa, também emergiram outros aspectos, que serão abordados a seguir.

Motivações para circularem

Assim como em outras pesquisas que analisam a circulação das crianças na cidade, o principal motivo de deslocamento das crianças em Alegre era o acesso à escola (GODOY, 2022). Porém, também foram identificados outros motivos de circulação em seu bairro, como o brincar, a participação nas atividades do projeto social, os chamados “mandados dos adultos” (como levar ou trazer recados e objetos), o recebimento de doação de pães, a participação na roda de capoeira e nas festividades e eventos promovidos pela própria população.

As crianças apontaram outros motivos que as levavam a circular para fora do Querosene: comprar guloseimas; levar e buscar crianças nas creches; visitar parentes; passar fins de semana e férias com o pai; brincar nas praças; ir aos cultos ou eventos promovidos pelas igrejas evangélicas; jogar bola nos campos de futebol; ir à feira e supermercado; buscar doações de alimentos no Centro Kardecista; participar das jornadas com o grupo de Bate-Flecha⁹; e participar de festas e eventos. Assim, é possível perceber que os motivos da circulação das crianças são bem variados.

A análise de Bizzotto (2022 p. 193) de que “Circular é, portanto, uma forma tradicional de sociabilidade das camadas populares nos países latino-americanos, que está associada à apropriação do espaço da rua como continuidade do espaço da casa” contribui para compreender os motivos que levam as crianças a circular em seu território. Nesses usos e apropriações dos espaços de fora do ambiente privado das casas, nas relações que se constroem nele e por meio dele, elas se constituem como sujeitos do seu território. Se, para algumas famílias, a rua é lugar de passagem, devendo ser evitada pelas crianças, neste território, desde muito novas, elas são incentivadas a usufruírem dela, como uma mãe revelou no início do campo, quando as escolas ainda não haviam voltado a receber as crianças, por causa da pandemia de covid-19. Ao questioná-la se costumava deixar as crianças brincarem fora das casas, ela se manifestou:

Mãe: Ninguém aguenta essas crianças dentro de casa não, (...) é quente, apertado, a gente manda eles pra rua mesmo pra ter sossego (Notas de campo, setembro de 2021).

9 O Bate-Flecha é uma manifestação cultural oriunda de um rito religioso vinculado ao Centro de Umbanda. Anualmente, os Centros realizam um festejo e convidam os demais Centros para participar da festa com seus grupos de Bate-Flecha, essa participação é denominada como jornada pelos integrantes.

Além dos motivos apontados, um outro aspecto identificado foi o circular para o trabalho. O diálogo com Laércio¹⁰, um menino de 11 anos, na Praça da Prefeitura, ilustra elementos sobre a relação entre a comercialização de produtos e sua circulação:

Joelma: *Estava sentada no parquinho da Praça da Prefeitura no intuito de identificar a presença das crianças durante o mapeamento dos espaços, não havia ninguém nesse momento. Laércio, um menino que havia conhecido dias antes no Querosene se aproxima com uma caixa de isopor:*

Laércio: *Moça, quer comprar um salgado pra me ajudar?*

Joelma: *Ih, eu não tenho nenhum dinheiro [realmente não tinha].*

Laércio: *Poxa, compra um salgado, é só 3 reais.*

[...]

Abriu o isopor e me mostrou os pasteis que estava vendendo.

Laércio: *Foi o moço ali do trailer que me deu pra vender. Me deu 12 pra vender. Eu já fui lá na rodoviária nova, perto da Exposição e até aqui vendendo. Vendi quase tudo, só falta 3.*

[...]

Laércio: *Hoje é o primeiro dia que vendo salgado, eu vendia bolo no pote da Virgínia.*

Joelma: *A Virgínia mora lá no Querosene?*

Laércio: *Ela mora mais embaixo. Ela me dava R\$5,00.*

Joelma: *Pra cada bolo que você vendia ela te dava R\$5,00?*

Laércio: *Não, por dia.*

Joelma: *E você faz o que com esse dinheiro que ganha?*

Laércio: *Tô juntando dinheiro pra comprar um telefone. Meu padrasto disse que vai me dar R\$20,00 todo mês, porque eu vou pegar comida pros pintinho dele lá no mercadinho Pimentel.*

Joelma: *E quanto o moço do salgado vai te dar?*

Laércio: *Não sei.*

Joelma: *Quanto custa o celular?*

Laércio: *Não sei.*

Joelma: *Você quer comprar um novo ou usado?*

Laércio: *Novo!*

Joelma: *Você já foi na loja ver?*

Laércio: *Ainda não.*

Joelma: *Enquanto conversávamos, chegou uma mulher acompanhada de 2 meninos, aparentavam ter cinco e três anos. Foram para os balanços. Laércio os observou, olhou para o isopor que estava no banco, em seguida para mim e falou:*

10 Visando preservar a identidade dos participantes, todos os nomes são fictícios.

Laércio: *Eu queria balançar.*

Joelma: *Vai lá. Eu vigio o isopor pra você.*

Joelma: *Sorriu, colocou o dinheiro no bolso e correu para o balanço vazio ao lado deles. Em seguida, puxou conversa com os meninos e com a mulher. Uma conversa descontraída entre eles, eu os observava de longe enquanto “vigia” o isopor. Começaram a chegar mais crianças acompanhadas de adultos. Laércio saltou do balanço, se aproximou, pegou o isopor e pendurou nos ombros.*

Laércio: *Eu já vou. Obrigada. Tchau!*

Joelma: *Por nada. Tchau! Acho que a gente ainda vai se encontrar por aí.*

Joelma: *Laércio sorriu e saiu do parquinho (Notas de campo, outubro de 2021).*

A mesma motivação para circular foi apontada por Jeane, de 10 anos, que vende empadinhas a mando de sua mãe. A menina se desloca por diversos bairros da cidade, indo muito além de onde Laércio circula em suas vendas. Quando não está na escola, é comum encontrá-la batendo nas portas das casas, na feira, nos comércios, consultórios, em meio aos estudantes na universidade, oferecendo o produto. Durante as oficinas de escuta, Jeane foi a única criança que soube nominar todos os espaços da cidade representados nas fotografias. Para além disso, tecia comentários sobre eles, contava experiências vividas, tudo gerado a partir da circulação proporcionada pela venda das empadinhas¹¹.

Quanto à complementação da alimentação familiar por meio do recebimento de doações, também apontada pelas crianças como motivo de circulação, foi realizado o acompanhamento do deslocamento de Júlia Vitória até um Centro Espírita Kardecista que distribui sopa aos sábados, localizado no centro da cidade. Segundo a menina relatou, além de tomar a sopa, podem levar o excedente para casa nos potes que levam consigo para esse propósito. O que me chamou a atenção foi o fato de que, nesse dia, além de a menina não levar seu pote, durante o trajeto, parar em uma padaria para comprar um pacote de biscoito recheado e consumi-lo enquanto caminhávamos. Tal atitude demonstrou que talvez a sopa não nutrisse apenas sua necessidade alimentar, mas também servia como subterfúgio para poder circular por outros espaços da cidade com o consentimento de sua cuidadora.

As crianças demonstram que ao circular a pé, motivadas por diferentes razões, elas usufruem de diferentes experiências e espaços da cidade. Ademais, a interação delas com outras pessoas, para além de seus pares, é primordial para formação de seu senso de comunidade (MORROW, 2003; LEE, ABBOTT, 2009) e é nos usos dos espaços públicos de seu território que elas se tornam visíveis para os demais, gerando uma sensação de segurança, proteção e pertencimento entre todos que compartilham dos mesmos espaços.

¹¹ Importante salientar os riscos da exploração do trabalho infantil, impactando o desenvolvimento físico e emocional das crianças.

Limites e possibilidades da circulação

Os estudos de Carver; Timperio; Crawford (2012) e Christensen (2010) apontam que as crianças de cidades pequenas e vilas apresentam maior independência na sua mobilidade do que aquelas residentes em grandes cidades. Durante o campo, observou-se que, em Alegre, isso também se confirma. As crianças demonstravam autonomia para circular por todo o Querosene, geralmente desacompanhadas por adultos.

Foi possível perceber que para algumas crianças essa autonomia se constitui desde muito cedo por meio dos irmãos mais velhos, que as levam junto deles durante sua circulação, especialmente para brincar e para irem à creche. Exemplo disso, foi notado com a presença de Vitor, um bebê de 1 ano e 8 meses, levado pelo irmão mais velho, Caíque, de 8 anos para participar das brincadeiras junto a outras crianças do bairro.

Joelma: Enquanto eu, Esmeralda e Júlia Vitória pulávamos amarelinha próximo à casa de Dona Elvira, Caíque se aproxima trazendo Vitor no colo. Eu pergunto se querem se juntar a nós, Caíque entra na brincadeira enquanto Vitor corre ao nosso redor. (...) Mais tarde, eu e as meninas estávamos próximas à quadra e os encontramos novamente. Elas começam a brincar de pular de um banco para o outro enquanto cantam. Vitor vai de colo em colo entre as crianças para garantir a participação de Caíque na brincadeira e as vezes também era incorporado ao que estavam fazendo. Ele ri, demonstrando gostar de fazer parte (Notas de campo, janeiro de 2022).

É importante destacar que a prática de cuidar de seu irmão bebê permite que Caíque circule pelos espaços enquanto brincam.

Foi possível perceber que à medida que crescem, as crianças vão adquirindo maior autonomia para circular, não apenas devido à idade, mas também pelo conhecimento que adquirem através da relação entre pares. Assim como no estudo de Wales, Mårtensson e Jansson (2021) com um grupo de crianças moradoras de um subúrbio na Suécia, em que se identificou que a mobilidade independente delas aumentava a partir do brincar e da socialização que ocorriam nas suas experiências no ambiente local, envolvendo a relação entre pessoas, lugares e práticas, o mesmo se identificou no Querosene.

O fato das crianças circular com autonomia tem relação com a sensação de segurança que suas famílias possuem, especialmente por saberem que os olhos da rua (JACOBS, 2011) se fazem presentes na vizinhança. Isso foi percebido em várias ocasiões quando, de dentro das casas, ouvia-se alguma repreensão a alguma “traquinagem” que ocorria na rua ou quando algum adulto de passagem fazia alguma observação ao que as crianças estavam realizando.

Rodríguez e Pérez (2023), ao realizarem um estudo comparativo entre duas praças em Madri, apontam que as crianças são pouco presentes nos espaços públicos das cidades ocidentais em virtude, principalmente, do medo dos pais em relação ao tráfego de veículos e do desconhecido. Por outro lado, Parga (2004) afirma que, no contexto latino-americano, as crianças das classes sociais menos favorecidas sempre ocuparam as ruas, como foi percebido com as crianças do Querosene.

Contudo, essa autonomia na circulação das crianças pequenas se limitava apenas ao seu bairro. Para acessar outras partes da cidade, inclusive a escola, dependiam da companhia de outras crianças ou adultos. Durante a pesquisa, elas apontaram que a preocupação em circular sozinhas por outros espaços da cidade tem relação com o risco de atropelamentos. Foram comuns falas como:

Charlotte: *Porque ele é criança e ainda não sabe atravessar as ruas. Eu e ela veio de mão dada (apontando para Eva). Ela que tem um pouquinho de medo também. De ser atropelada.*

Sol: *É muito perigoso, tia, faz a curva. De um carro passar rapidão, aí você não vê, aí tuf (Notas de campo, julho de 2022).*

Dessa forma, mesmo com o fato de Alegre contar com um trânsito pouco intenso, ao circularem fora do seu território, para as crianças do Querosene as ruas são tidas como inseguras. Talvez por haver poucas ruas onde moram e as existentes serem de paralelepípedos ou não contarem com calçamento, aliado ao terreno íngreme e ao fato da maioria não possuir carro, faz com que o trânsito de veículos seja bem limitado e com baixa velocidade no bairro. Todas essas características apontam que ao contrário do centro da cidade, por exemplo, não existe uma disputa de espaço entre as pessoas e os carros. Isso faz com que as crianças, desde cedo, entendam que, no Querosene, a rua é um espaço compartilhado.

Essa insegurança também se confirmou na fala das crianças de outros bairros da cidade:

Joelma: *Durante uma das oficinas de escuta, enquanto montavam sua cidade com objetos tridimensionais, Mel, de 4 anos, e Marina, de 5 anos, iniciaram uma brincadeira de mãe e filha. Em um determinado momento Mel se dirige à Marina:*

Mel: *Mãe, eu vou sair, tá? Aí eu vou sozinha. Eu vou sair, tá mamãe? Aí você diz “Toma cuidado, tem que olhar pros dois lados antes de atravessar” (Notas de campo, julho de 2022).*

A fala de Mel traz dois elementos importantes, o desejo de circular desacompanhada e a recomendação de como atravessar a rua em segurança, possivelmente uma reprodução do que seus adultos cuidadores fazem ao circularem com ela pela cidade.

Celia, uma menina de 7 anos, também aponta as recomendações recebidas para circular em segurança:

Joelma: *Durante a contação de história na oficina de escuta, surge um debate sobre a possibilidade das crianças andarem sozinhas na cidade, ao contrário do personagem do livro que sempre sai acompanhado por um adulto:*

Celia: *Eu não vou sozinha em nenhum lugar, minha mãe não deixa. Mas minha escola é pertinho! Ela só não deixa, ó, só tem uma entrada, depois de lá tem que ficar bem perto do portão, tem uma rua, aí tem que atravessar, por isso que minha mãe não deixa. Ela deixa só andar na calçada. Se você chegar bem pertinho do portão ela não vai deixar, porque tem que atravessar a rua. Ela tem medo que o carro me tromba (Notas de campo, julho de 2022).*

A menina demonstra conhecer todo trajeto que realiza da sua casa à escola e o motivo que leva a mãe a não permitir que o realize de forma autônoma, o risco de atropelamento. Dessa forma, assim como nas grandes cidades, o medo das famílias, em especial quanto ao trânsito de veículos também existe em Alegre, tanto pelas do Querosene, como de outros bairros. Porém o fato das crianças do Querosene circularem dentro do bairro desde pequenas em pares, faz com que desenvolvam gradativamente sua autonomia, para à medida que crescem, consigam circular em segurança para além do seu território.

A circulação das crianças na cidade deve ser analisada a partir da relação com o outro, visto que mesmo aquelas que a fazem com autonomia em alguns contextos distintos, não a fazem sozinhas. Podem não depender diretamente da presença do adulto cuidador, mas recorrem a outras pessoas, sejam outros adultos fora do contexto familiar ou pares, durante esses momentos. Assim, pode-se afirmar que ela se estabelece também pelas interações sociais ao longo do trajeto, o motorista do transporte público ou escolar, os passageiros que compartilham do mesmo modal, os comerciantes, vizinhos e trabalhadores que fazem os mesmos trajetos ou estão ao longo dele.

Circular brincando: formas de ressignificação e apropriação dos espaços

Para a criança, o brincar ocorre mediado pelas interações promovidas com outras crianças e adultos, por objetos, espaços e por todo o repertório a que ela tem acesso de forma concreta ou no campo da imaginação. Esse processo interativo favorece a sua compreensão do mundo, possibilitando experienciar suas emoções e elaborar as experiências vividas (CARVALHO; SILVA, 2018). Dessa forma, é por meio do brincar que a criança compreende e apreende o mundo. Vale ressaltar que,

Além da compreensão da brincadeira como cultura e do fato que os indivíduos constroem cultura enquanto brincam cabe destacar que, como instrumento e linguagem de ligação do indivíduo com o social, a brincadeira possibilita a exploração de lugares e de situações novas, além de permitir à criança a representação da realidade e a criação. (CARVALHO, 2005, p. 82)

Em Alegre, chamou atenção como o brincar se estabelece a partir da circulação pelos diferentes espaços da cidade. Lopes (2008, p. 78) afirma que “para as crianças a prática espacial é uma prática de lugar-território, posto que apreendem o espaço em suas escalas vivenciais, a partir de seus pares, do mundo adulto, da sociedade em que estão inseridas”. Tal perspectiva é importante para compreensão de qual o espaço vivido pelas diferentes infâncias de Alegre e como as crianças se apropriam desses espaços, dando novos significados a eles.

Um exemplo que corrobora essa análise foi uma ocasião em que foi proposto a um grupo que fotografassem os lugares que mais gostavam. Marcos, um menino de 5 anos, disse que gostaria de fotografar o Escadão, justificando:

Marcos: *Porque é bom pra brincar.*

Joelma: *E vocês brincam de que lá?*

Marcos: *Pique-pega, pique-alto, esconde-esconde, é o que mais gosto.*

Joelma: *Qual o lugar que você mais gosta de brincar aqui no morro?*

Marcos: *O Escadão, né?!*

Joelma: *Por quê?*

Marcos: *Porque tem muito lugar pra esconder* (Notas de campo, maio de 2022).

Considerando que o Escadão é composto por degraus intercalados com rampas e casas cercadas ao longo dele, a justificativa do menino causou estranhamento em um primeiro momento. Apenas um terreno, localizado bem no meio da subida, não está murado, nos

fundos tem uma casa e na frente escombros de outra, com mato ao redor. Numa leitura preliminar, o espaço do Escadão que, a princípio parecia inadequado, foi apresentado por eles como privilegiado para o brincar.

Para que pudesse compreender melhor, foi pedido, então, que tirassem fotos dos lugares que costumavam se esconder. Marcos (5 anos) e Anselmo (6 anos) fizeram vários registros e explicavam sobre os espaços e estratégias que usam no esconde-esconde. Assim, a metodologia visual utilizada durante a circulação com as crianças pressupõe as variadas formas de se enxergar o mundo a partir das experiências em contextos socio-culturais únicos, possibilitando uma gama de visualidades que emanam de um sentido individual e coletivo de lugar (WEE et al., 2013).

Ao acompanhar as crianças nesse percurso, foi possível perceber que elas alcançavam lugares a partir da sua estatura, imaginação, habilidade motora, sensibilidade, experiências pessoais e percepção das características dos espaços que não podiam ser acessados pelos adultos.

O Escadão como espaço privilegiado para o brincar também foi observado em outros momentos do campo, sendo também retratado nas oficinas de escuta, como é possível observar nos desenhos que virão na sequência (Figura 2 e Figura 3):

Figura 2: Desenho do Escadão

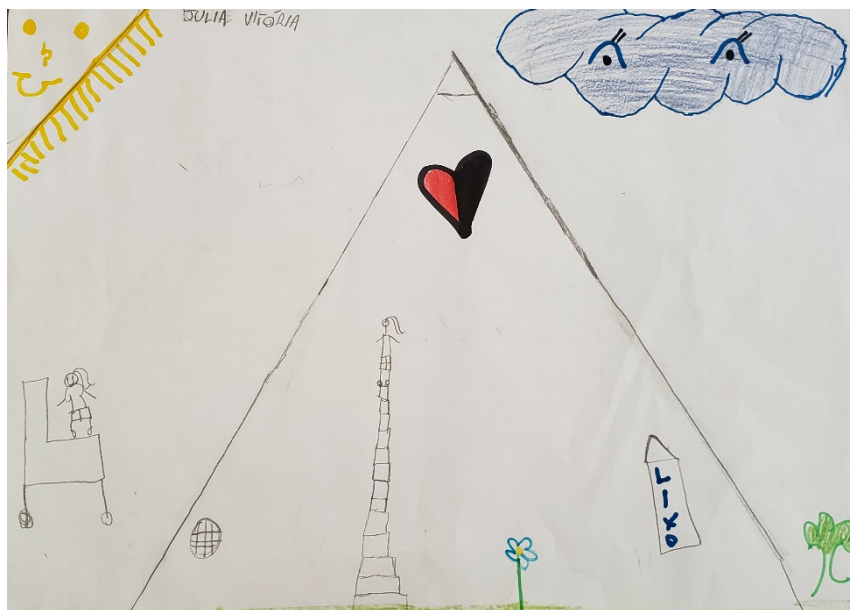


Fonte: Acervo da pesquisa. Créditos: Nicácio, 9 anos.

Ao fazer um desenho sobre o que fariam na cidade caso fosse o prefeito, Nicácio escolheu retratar o Escadão com cores variadas em seus degraus e rampas e o terreno com mato que fica ao seu lado, apontado pelos meninos anteriormente como um dos seus esconderijos no esconde-esconde.

Júlia Vitória, por sua vez, desenhou o Escadão interligado à quadra, que contava com uma bola, flor, árvore e uma lata de lixo.

Figura 3: Se eu fosse prefeita



Fonte: Acervo da pesquisa. Créditos: Júlia Vitória, 11 anos.

Ao lado, Júlia Vitória se retratou em cima de uma cadeira, como declarou no diálogo comigo e Nicácio:

Joelma: Júlia Vitória e Nicácio foram os últimos desse grupo a iniciar o desenho. Conversaram e resolveram que iriam desenhar o Escadão. Ela resolve incluir a quadra.

Júlia Vitória: Agora eu vou desenhar uma cadeira [...] Ô Joelma, eu não tenho como sentar na cadeira não, vou ter que ficar em pé na cadeira. Eu tô gritando: arruma, arruma, arruma a quadra!

Nicácio: Ô, Júlia Vitória, se não arrumar faz o sacrifício.

Júlia Vitória: É, vai mandar sair. Vai trabaia, negão!

Nicácio: Arrumar telhado, quintal, chiqueiro.

[...]

Nicácio: Ô tia, aqui é a parte do Escadão.

Joelma: Ele já foi colorido assim?

Nicácio: Não, ele é colorido.

Joelma: E esse que você tá fazendo é mais colorido? Você acha que tinha que ser mais colorido?

Nicácio: É.

Joelma: E a Júlia Vitória vai ficar lá de cima da cadeira dela.

[Risos]

Júlia Vitória: Colore o escadão!!!! (Notas de campo, julho de 2022).

Embora no Querosene essa escadaria não tenha uma intervenção como a *Escalera de la quinta calle del barrio de Marín*¹², em que se promoveu a participação das crianças para o planejamento e transformações no espaço público, no diálogo acima, as crianças apontaram as possíveis alterações para melhoria dos espaços que utilizam em seu território.

As crianças circulavam por todo Querosene, mas as brincadeiras eram constantes neste espaço e na quadra de esportes localizada no final dele, no topo do morro. Contudo, os relatos e os registros das crianças apontam ser o Escadão o local preferido para brincar.

Crianças de diferentes idades circulavam pelos degraus e rampas, transformando a arquitetura e restos de objetos dispostos pelo território em possibilidades para explorar e criar diferentes brincadeiras, confirmando o que **Benjamin (1984, p. 14) aponta, que as crianças “[...] fazem história com o lixo da história”**. Assim, o uso de artefatos, as interações entre pares e a exploração da topografia durante as brincadeiras no Escadão facilitam a apropriação e a ressignificação do espaço que as crianças utilizam no seu território.

Se no Querosene o Escadão se constitui como espaço privilegiado para circular-brincando, também se percebeu o mesmo em outros contextos. Por exemplo,

Joelma: No trajeto escola-casa, um grupo de meninos caminhou mais à frente, se distanciando de mim, Charlote, Esmeralda, Nelio, Eva e Sol. Charlote me convidou para irmos por um caminho diferente do que costumávamos percorrer, pois queria me mostrar algo que disse ser legal. Ao nos aproximarmos de uma esquina as crianças correram alvoroçadas e se sentaram enfileiradas no meio fio. Ao grito de “JÁ”, deram impulso, levantaram as pernas e escorregaram gargalhando. Subiram correndo pelo canto da rua e desceram novamente, repetindo isso algumas vezes (Notas de campo, abril de 2022).

Elas haviam percebido que um dos moradores havia colocado granito no meio fio de sua calçada que ficava em um terreno íngreme, o que o tornava escorregadio. As crianças ressignificaram esse meio fio, transformando-o em algo que não possuem no seu bairro e desejam ter, um escorregador ou, no linguajar delas, “um chiador”.

Assim, as crianças ressignificam objetos, arquitetura e espaços a partir da apropriação dos espaços que circulam cotidianamente. Pois,

Na experiência da brincadeira, portanto, as crianças partilham os significados que marcam sua existência social e ressignificam situações, espaços e objetos, atribuindo novos entendimentos e formas de lidar com os objetos e situações ou criando situações que são do seu imaginário (CARVALHO, 2005, p. 121).

As crianças demonstram que a circulação na cidade permite explorar a capacidade lúdica e a inventividade. À medida que interagem com os espaços, as crianças, significam a cidade por meio do brincar.

¹² Para maiores informações, consultar: <https://ludantia.wixsite.com/bienal-internacional/la-escalera-de-la-quinta-calle>.

Considerações finais

No presente artigo, buscou-se analisar a circulação das crianças em uma cidade pequena, evidenciando como a autonomia nos deslocamentos favorece um maior acesso aos espaços e permite diferentes formas de interação e apropriação da cidade por cada uma delas desde muito pequenas. Embora essa autonomia não seja vivenciada da mesma forma por todas as crianças, seja devido à idade, ao gênero ou ao local de moradia, elas demonstraram insegurança em relação ao trânsito de veículos, mas também o desejo de circular entre pares e sem a companhia de adultos.

As motivações que levam as crianças a circularem pela cidade são tanto as estabelecidas e impostas pelos adultos, como o acesso à escola e o cumprimento de ordens e pedidos, quanto aquelas geradas por elas mesmas, como o desejo de brincar, explorar a cidade, estar entre pares. Entretanto, o circular pelo trabalho como parte da vida social foi percebido de duas maneiras distintas, como o desejo próprio da criança e pelo cumprimento da determinação da mãe.

Para além desses aspectos apresentados, a circulação das crianças promove possibilidades de brincadeiras, explorando a arquitetura, objetos, topografia e por intermédio do que compõe a cena urbana. É por meio do “circular brincando” que as crianças internalizam e significam os espaços e as relações existentes na cidade. Uma possibilidade para ampliar o olhar sobre as crianças na cidade talvez esteja justamente nos seus deslocamentos. Pensar no que ocorre nos momentos de circulação, motivações, as interações, conflitos, transgressões, limites e estratégias se mostrou como um campo muito fértil a ser explorado e interpretado.

Por fim, cabe destacar que a cidade não é experimentada da mesma forma por todas as crianças, aspecto percebido e que será explorado de forma mais aprofundada em trabalhos futuros, observando os marcadores sociais da diferença e desigualdade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A. (Org.). **Estudos da infância no Brasil**: encontros e memórias. São Carlos: EdUFSCar, 2015.
- ARAÚJO; V. C. de; AQUINO, L. M. L. de. Dossiê Infância e cidade: diálogos com a educação. **Educação**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, mai./ago. 2018.
- ARAÚJO, V. C. de; MOREIRA, J. J.; FERNANDES, M. L. B. Crianças e suas infâncias na cidade. **Cadernos de Pesquisa em Educação (UFES)**, v. 21, n. 49, jan./jun. 2019.
- ARÉVALO, C.; GRANDE, P. D. Infancias y autonomías: condicionantes de la movilidad independiente en el área metropolitana de Buenos Aires. **Desidades**, n. 30, p. 104-123, 2021.
- BENJAMIN, W. **Reflexões**: A criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.
- BIZZOTTO, L. M. **Territorialidades infantis na ocupação Rosa Leão**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- CAMACHO, D. **“Recordar... para mi es lo mejor del mundo, para ellos es lo peor.”** Memorias de niños y niñas víctimas del desplazamiento em Colombia y sujetos con derecho a la memoria. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- CARVALHO, L. D.; SEIXAS, E. C.; SEIXAS, P. C. Dossiê: A infância urbana nas ciências sociais: Problemáticas e desafios metodológicos. *Civitas: Revista De Ciências Sociais*, v. 23, n.1, p. 1-8, 2023.
- CARVALHO, L. D. **Imagens da Infância**: brinquedo, brincadeira e cultura. 2005. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- CARVALHO, L. D.; SILVA, R. C. da. Infâncias no campo: brinquedo, brincadeira e cultura. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, p. 189-212, abr. 2018.
- CARVER, A.; TIMPERIO, A. F.; CRAWFORD, D. A. Young and free? A study of independent mobility among urban and rural dwelling Australian children. **Journal of science and medicine in sport**, n. 15, p. 505-510, 2012.
- CERQUEIRA, J. A. de. **As infâncias em Alegre (ES)**: a circulação e o brincar de crianças em uma cidade pequena. 2024. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.
- CHRISTENSEN, P. Lugar, espaço e conhecimento: crianças em pequenas e grandes cidades. In: MULLER, F. (Org.) **Infância em perspectiva**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 143-164.
- CHRISTENSEN, P. et al. Mobilidades cotidianas das crianças: combinando etnografia, GPS e tecnologias de telefone móvel em pesquisa. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 629-996, jul./set. 2014.
- COLARES, E. S. **Entre ir, (não) chegar e (não) voltar**: as dinâmicas dos deslocamentos forçados de crianças centro-americanas e mexicanas para os Estados Unidos. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- ENDLICH, Â. M. O estudo das pequenas cidades e os desafios conceituais: áreas de comparabilidade e complexidade mínima. **Revista Huellas**, n. 15, p. 149-165, 2011.
- FERNANDES, M. L. B; LOPES, J. J. M. **Educ. Foco**, Juiz de Fora, v. 23, n. 3, p. 661-676, set. / dez. 2018.

- GATTI, S.; ZANDONADE, P. **Espaços públicos**: Leitura urbana e metodologia de Projeto [dos pequenos territórios às cidades médias]. Coordenação do Programa Soluções para Cidades, São Paulo, ABCP, 2017.
- GOBBI, M. A.; ANJOS, C. I. dos. Apresentação do dossiê temático: Perspectivas para pensar as cidades: infâncias, educação, democracia e justiça. **Práxis Educacional (UESB)**, v. 16, n. 40, jul./set. 2020.
- GODOY, M. F. A. **Da casa à escola**: Contribuições para a qualificação do espaço livre público a partir dos trajetos realizados pelas crianças. 2022. Dissertação (Mestrado profissional em Curso de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000>> acesso em: 22 ago. de 2017
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- LANSKY, S. **Na cidade, com crianças**: uma etno-grafia espacializada. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- LEE, J.; ABBOTT, R. Physical Activity and Rural Young People’s Sense of Place. **Children’s Geographies**, v. 7, n. 2, p. 191–208, 2009.
- LIMA, M. S. **A Cidade e a Criança**. Coleção Cidade Aberta. São Paulo: Nobel, 1989.
- LOPES, J. J. M. Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**, v. 23, n. 79, p. 65-82, 2008.
- MORROW, V. Improving the Neighbourhood for Children: Possibilities and Limitations of ‘Social Capital’ Discourses. In: CHRISTENSEN, P.; O’BRIEN, M. (Org.) **Children in the City**, London: Routledge, 2003. p. 180–201.
- MÜLLER, F.; NUNES, B. F. Dossiê: Infância e Cidade: perspectivas analíticas para as áreas de educação e sociologia. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 128, 2014.
- MÜLLER, F. Mobilidade urbana de crianças: agenda de pesquisa e possibilidades de análise. **Educação**, v. 41, n. 2, p. 177-188, mai./ago., 2018.
- MÜLLER, F.; SOUSA, E. L. de. Etnografias em movimento: deslocar-se com as crianças pela cidade. **Civitas: Revista De Ciências Sociais**, v. 23, n.1, 2023.
- MURRAY, L.; CORTÉS-MORALES, S. **Children’s mobilities**: interdependent, imagined, relational. Londres: Springer, 2019.
- PARGA, J. S. **Orfandades infantiles y adolescentes**: Introducción a una sociología de la infancia. Editorial Abya Yala, 2004.
- PÉTONNET, C. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, v. 25, p. 99-111, 2008.
- QVORTRUP, J.; CORSARO, W. A.; HONIG, M.-S. **The Palgrave handbook of childhood studies**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

RODRÍGUEZ, A. C.; PÉREZ, M. D. “Um lugar para brincar”: Espaço público e infância. **Civitas: Revista De Ciências Sociais**, v. 23, n.1, p. 01-12, 2023.

SARMENTO, M. J. Apresentação. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, PPGE/UFES, v. 21, n. 49, p. 01-05, jan./jun., 2019.

SILVA, R. C. da. **Circulando com os meninos**: infância, participação e aprendizagens de meninos indígenas Xakriabá. 2011. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. 2011.

SOARES, B. R.; MELO, N. A. de. Cidades médias e pequenas: Reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (org.). **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 229-247.

SOUZA, E. M. de. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. **Entre subidas e descidas**: as culturas da infância pelas ladeiras da região da Vila Rubim. Vitória, 2017.

WALES, M.; MÅRTENSSON, F.; JANSSON, M. ‘You can be outside a lot’: independent mobility and agency among children in a suburban community in Sweden, **Children’s Geographies**, v.19, n. 2, p.184-196, 2021.

WEE, Bryan; et al. Visual methodology as a pedagogical research tool in geography education. **Journal of Geography in Higher Education**, v. 37, n. 2, p. 164-173, 2013.

RESUMO

O presente trabalho visa refletir sobre aspectos que envolvem a circulação de crianças nos espaços públicos da cidade de Alegre, no estado do Espírito Santo (ES), Brasil. Os dados aqui analisados têm origem em uma pesquisa que lançou mão da etnografia em movimento por meio do acompanhamento de 29 crianças em seus momentos de circulação na cidade. Pretende-se, ao compreender as infâncias e suas experiências urbanas, cotejar elementos entre os campos dos estudos urbanos e dos estudos da infância, em especial os debates teóricos que relacionam infâncias, crianças e cidades. Os resultados indicam aspectos relacionados: (i) às motivações para a circulação, definidas tanto pelos adultos quanto pelas próprias crianças; (ii) aos limites e possibilidades de circulação, evidenciando como a autonomia contribui para uma maior compreensão da cidade; e (iii) às formas de significação e apropriação dos espaços por meio do “circular brincando”.

Palavras-chave: infância, crianças, circulação, cidade pequena.

**La circulación de niños en la ciudad de Alegre (ES):
apropiación y significación del espacio público**

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre aspectos que involucran la circulación de niños en espacios públicos en la ciudad de Alegre, en el estado de Espírito Santo (ES), Brasil. Los datos aquí analizados provienen de una investigación que utilizó la etnografía en movimiento por medio del seguimiento de 29 niños en sus momentos de movimiento en la ciudad. Se pretende, al comprender las infancias y sus experiencias urbanas, comparar elementos entre los campos de los estudios urbanos y los estudios de la infancia, en especial los debates teóricos que relacionan infancias, niños y ciudades. Los resultados apuntan a aspectos relacionados con (i) las motivaciones para circular, establecidas tanto por los adultos como por ellos mismos; (ii) los límites y posibilidades de circulación, mostrando cómo la autonomía favorece una mayor comprensión de la ciudad y; (iii) las formas de significación y apropiación de los espacios a través del “ruedo circular”.

Palabras clave: infancia, niños, circulación, ciudad pequeña.

**The circulation of children in Alegre City (ES):
appropriation and significance of public space**

ABSTRACT

The present study seeks to reflect on aspects that involve the circulation of children in public spaces in Alegre City, in the State of Espírito Santo (ES), Brazil. The data analysis originates from a study that used ethnographies on the move through monitoring of 29 children in their moments of circulation in the city. It is intended, when understanding the childhoods and their urban experiences, to collate aspects between the fields of urban studies and childhood studies, especially the theoretical debates that relate childhood, children, and cities. The results reveal aspects related (i) to motivation for circulating, established both by adults and themselves; (ii) limits and possibilities of circulation, highlighting how autonomy promotes a greater understanding of the city and; (iii) the ways of significance and ownership of spaces through “circulate playing”.

Keywords: childhood, children, circulation, small city.

DATA DE RECEBIMENTO: 25/07/2023

DATA DE APROVAÇÃO: 11/06/2024



Joelma Andreão de Cerqueira

Professora Substituta do Instituto Federal do Espírito Santo. Graduada em Pedagogia pela UFES, Mestre em Children and Youth Studies pela University College Dublin e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, Brasil.

E-mail: joelma02@hotmail.com



Levindo Diniz Carvalho

Professor Associado da Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, Brasil. Doutor em Educação. Membro do grupo TEIA - Territórios Educação Integral e Cidadania e do NEPEI - Núcleo de Pesquisa sobre Infância e Educação Infantil.

E-mail: levindodinizc@gmail.com